

OLHANDO O SOCIAL DO EMPREENDER: REFLEXÕES DA PEDAGOGIA EMPREENDEDORA

Recebido em: 03/07/2023

Aceito em: 31/07/2023

DOI: 10.25110/educere.v23i2.2023-014

Marcos Sales Bezerra ¹
Marilene Aparecida Pereira ²

RESUMO: O debate sobre o empreendedorismo no contexto brasileiro é atual, o nosso objetivo será discutir se há relação da Pedagogia Empreendedora com o Empreendedorismo Social. Argumentamos que, no Brasil o empreendedorismo se legitima pelo ideário econômico suprimindo a atuação da população negra, avançando numa breve problematização, que por vezes, não enunciam tratar da raça nos estudos do empreendedorismo. Metodologicamente, realizamos uma pesquisa qualitativa de caráter exploratória de fonte bibliográfica e documentais. Os resultados apontaram que, a raça são imperativos excludentes e identificamos também forte ligação da Pedagogia Empreendedora com os pilares apontados do Empreendedorismo social.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Raça; Pedagogia Empreendedora; Empreendedorismo Social; Estudos Organizacionais.

LOOKING AT THE SOCIAL OF ENTREPRENEURSHIP: REFLECTIONS OF ENTREPRENEURIAL EDUCATION

ABSTRACT: The debate about entrepreneurship in the Brazilian context is current, our goal will be to discuss if there is a relationship between Entrepreneurial Pedagogy and Social Entrepreneurship. We argue that, in Brazil, entrepreneurship is legitimized by economic ideals, suppressing the work of the black population, advancing in a brief problematization, which sometimes do not enunciate dealing with race in studies of entrepreneurship. Methodologically, we carry out a qualitative research of an exploratory nature from bibliographic and documentary sources. The results pointed out that race are excluding imperatives and we also identified a strong link between Entrepreneurial Pedagogy and the pointed pillars of Social Entrepreneurship.

KEYWORDS: Education; Race; Entrepreneurial Pedagogy; Social Entrepreneurship; Organizational Studies.

MIRANDO LA SOCIAL DE LA EMPRESA: REFLEXIONES DE LA EMPRESA

RESUMEN: El debate sobre emprendimiento en el contexto brasileño es de actualidad, nuestro objetivo será discutir si existe una relación entre pedagogía emprendedora y emprendimiento social. Sostenemos que, en Brasil, el emprendimiento se legitima por el idealismo económico, reprimiendo las acciones de la población negra, avanzando un breve problema, que a veces no indica cómo lidiar con la raza en los estudios del

¹ Doutorando em Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGE - UFES). E-mail: mbezerra.adm@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0152-7037>

² Mestra em Educação. Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGMPE-UFES). E-mail: marileneapereira20@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-0592-7091>

emprendimiento. Metodología, realizamos una investigación cualitativa de naturaleza exploratoria a partir de una fuente bibliográfica y documental. Los resultados apuntaron que la raza es imperativa y también identificamos un fuerte vínculo entre la Pedagogía Emprendedora y los pilares señalados por el emprendimiento social.

PALABRAS CLAVE: Educación; Raza; Pedagogía Empresarial; Equipo Social; Estudios Organizativos.

INTRODUÇÃO

O fazer empreendedorismo é tradicionalmente compreendido como um processo que converte uma ideia em busca de novas oportunidades ou o aperfeiçoamento de produtos e serviços que já existem, vinculado ao empreendedorismo econômico (EC) (BARRETO, 1998). No Brasil a arte do fazer empreender se apresenta como algo novo, a sua divulgação começa a partir de 1990. Por outro ângulo, tal tarefa para determinados grupos sociais, a profundo, a população negra escravizada durante o século pós-abolição, foi fundamental por se tratar de um trabalho barato e rentável (SILVA, 2017). O fazer de empreender conformou uma ocupação naturalmente desenvolvida pela população negra sob escassez do trabalho formal, sendo tal atividade desenvolvida para sua sobrevivência (SALES, 2012).

Dentre as áreas, nos estudos da administração, a demonstração de interesse para o trato da diversidade surge a partir dos anos 1990, e no contexto brasileira irão se adensar a partir dos anos 2000, sendo que, a agenda da diversidade crítica é evidenciada nos estudos mais recentes, pelo olhar interseccional (TEIXERA, *et. al.*, 2021). Dentre eles, reorganizando o olhar para o tema empreendedorismo. Assim, nos Estudos Organizacionais as discussões como olhar para aspectos de gênero e raça, mesmo com silenciamentos (TEIXEIRA; OLIVEIRA; CARRIERI, 2020), podem refletir como tais aspectos influenciam o modo de funcionamento das organizações, a citar, o quanto eles podem condicionar estruturalmente as populações em posições organizacionais poucos relevantes, a citar: mulheres, negras, *LGBT community*, no mercado de trabalho e acesso à educação (CONCEIÇÃO, 2009). É importante destacar que nestes estudos e aqui, apesar da redução da raça a recorrências biológicas, por determinismos biológicos ou características fenotípicas. Entendemos a raça, dada pelo conceito de raça social, ao lado de categorias como gênero, classe, idade, região. Tais categorias são estabelecidas por convenções movidas pela ação discursiva (TEIXEIRA; OLIVEIRA; CARRIERI, 2020).

Na década de 1970, ocorrem avanços para a população negra a partir de políticas sociais. E no meio empresarial, o reflexo não seria outro. Os estudos produzidos por

pesquisadores de institutos de pesquisas nacionais, analisam que a abordagem interseccional trazendo novos desafios, incluindo para a prática empreendedora, que revelaram um padrão diferenciado de escolaridade da população negra, sendo a baixa escolaridade um marcador ainda mais excludente para esta população (LIMA; RIOS; FRANÇA, 2013; CORDEIRO; CAMPOS; SILVA, 2016; MACHADO; PAES, 2018). O elemento já discutido pelo movimento negro brasileiro, o acesso à educação (BORGES, 2018), precisa ser mais debatido, sobretudo, quando o foco da formação não seja necessariamente direcionado para o mercado, e sim, pensado por outras alternativas, como alterar a realidade de sua comunidade, o que justifica a realização deste estudo.

É nesta perspectiva que a educação para a população negra opera, como um imperativo ambivalente, imobilizador destinando-a a locais pouco relevantes, e mobilizador capaz de eleger valores significativos. Neste contexto, é importante explorar os ambientes de interesse desta população, a citar, o mercado trazido pelo empreendedorismo negro como constata a pesquisa “Os donos do negócio do Brasil: análise por raça e cor” produzida pelo Serviço Brasileiro de Apoio à Micro e Pequena Empresa (SEBRAE) em 2016, que pode arranjar o simbólico e acesso material, diante de um contexto social de exclusão. Sobretudo, pelas direções que a educação empreendedora se arranja, a intenção do Estado a estes caminhos é nítida, a citar o projeto de Lei n. 772/2015, que busca incluir o empreendedorismo em todas as fases da formação escolar, sendo uma realidade que, mesmo incipiente precisa ser discutida em pesquisas da educação.

Se as tentativas do ensinar empreendedorismo é uma realidade, como redefinir possibilidades de pensar suas bases, não limitando unilateralmente seus resultados? Nesse contexto, o professor Fernando Dolabela propõe algumas aberturas, esta denominado de Pedagogia Empreendedora (PE). Segundo o autor a PE dispor-se o desenvolvimento de aptidões individuais e coletivas, cujo os resultados das ações são gerados para toda a comunidade, capacidade de inovar, ser autônomo e de buscar a sustentabilidade (DOLABELA, 2003). Para o professor, o empreendedorismo não deve ser encarado apenas como forma de enriquecimento pessoal. Ele deve ser direcionado para o desenvolvimento social (DOLABELA, 1999).

Este artigo foi orientado por um objetivo: investigar como o empreendedor social se estabelece, mesmo com imperativos excludentes como a raça, por meio de uma breve discussão teórica trazida pelos estudos de Dolabela (2003), aporte que podem contribuir para a prática nos diferentes espaços educativos. Nos interessa compreender, como os

empreendedores se defrontam com este desafio. Como caminho, levantamos documentos e discutimos quais aspectos da PE proposta por Fernando Dolabela pode contribuir com o empreendedorismo social, aos empreendedores negros do contexto brasileiro contemporâneo.

EMPREENDEDORISMO SOCIAL E PEDAGOGIA EMPREENDEDORA: UM BREVE ENTENDIMENTO

A concepção do empreendedorismo social (ES) tem sua base, em dois pilares: não produzir bens e serviços para vender, mas para solucionar problemas sociais; e não é direcionado para mercados hegemônicos, concentra seu uso entre segmentos populares (MELO NETO; FROES, 2004). Os autores apontam que, a prática do ES difere do empreendedorismo econômico, por se constituir não só por um indivíduo. E também, a iniciativa de promoção destes conhecimentos significarem impactos a outras comunidades e instituições públicas; com a proposta de alterar a realidades das pessoas (ALBAGLI; MACIEL, 2003). E conseqüentemente carreira pessoal de maneira a produzir diferentes cenários e produção satisfatória ao grupo, a citar para a população negra, na educação e mercado.

A pontuar, a pauta à educação da população negra ainda carece de discussões mais profundas. Segundo Silva e Gonçalves (2005, p. 5) “quando relemos as críticas lançadas à atual situação educacional dos negros brasileiros, encontramos dois eixos sobre os quais elas foram estruturadas: exclusão e abandono”. Com isso, pesquisas apontam que o processo de uma criança negra na escola é, muitas vezes, um processo doloroso (OLIVEIRA, ABRAMOWICZ, 2010). Assim, nos faz citar Pinto (1987) que ao analisar os livros didáticos infantis, verificou que os personagens negros frequentemente são vistos como escravos e pobres. Hoje, uma das tentativas de superar este problema, a Lei n. 10.639/2003, institui o ensino da História Afro-brasileira nas escolas públicas. Ainda que sancionada e trazendo consigo intencionalidades simbólicas, ela reorganiza uma escola, que a princípio foi legitimada com práticas racistas e discriminatórias (CAVALLEIRO, 1998; SOUZA, 2002; FAZZI, 2006).

No mercado, embora tenhamos muitas pesquisas que pretendem analisar o empreendedorismo no contexto brasileiro (HASSIMOTO, 2006; DORNELAS, 2008; FALCÃO, 2008), em regra, elas se baseiam a partir de análises sob a literatura do empreendedorismo econômico. A rígida categorização numa ideia semântica de grandes manuais e catálogos, como a realizada pelo Sebrae (2016) elimina toda diferenciação

plural das atividades empreendidas pela população negra, como a categorização de atividades econômicas. O processo de reconhecimento de uma prática realizada inicialmente pela população negra no século XIX é invisibilidade, sendo que a construção mais adequada desta atividade foi outro, o do não protagonismo. Assim como no empreendedorismo, é difícil reconhecer um local aonde a população negra se estabeleça como destaque, similar na literatura inicial sobre a prática empreendedora do Brasil.

Segundo Nascimento (2018) o empreendedorismo desenvolvido pela população negra ganha destaque com a pesquisa intitulada: “Os donos do negócio do Brasil: análise por raça e cor” produzida pelo Serviço Brasileiro de Apoio à Micro e Pequena Empresa (SEBRAE), a partir dos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD). O estudo realizado entre 2013-2015, e publicado em 2016, revelou que, 50% dos donos de negócio eram negros, 49% brancos e 1% pertencia a outros grupos populacionais. Apesar de alternativa para nomear quem é negro no Brasil ser uma agenda de debate (TEIXEIRA; OLIVEIRA; CARRIERI, 2020), sendo apontada aqui com uma alternativa a ser melhor investigada. Aqui não nos penetramos no arranjo da palavra, e sim, no aspecto destes negócios, que possuem sua natureza relacionada a atividade sociais, como os negócios realizados pela chamada escola ou relação com o Empreendedorismo Social (ES). Porém, o estudo é um marco e constitui um dos documentos que visaram mapear o perfil raça/cor dos empreendedores negros do Brasil, que refere aquele autodeclarado preto ou pardo, independentemente do tipo de negócio (NASCIMENTO, 2018).

Nota-se que, tarefas auto organizadas pela população negra no período histórico do pós-abolição, nos expõem a tarefas desenvolvidas por micro e pequenos empreendedores, sobretudo, as tarefas artesanais e manuais (SEBRAE, 2016). Contrário, o ES, não seria um empreendedorismo que se estruture em vias econômicas, pois o pensamento sistêmico e funcionalista inibe a própria prática do empreendedorismo social desempenhado por grupos sociais específicos. E também, a iniciativa de promoção destes conhecimentos significarem impactos a outras comunidades e instituições públicas; com a proposta de alterar a realidades das pessoas (ALBAGLI; MACIEL, 2003). E logo, trabalho e perspectiva da carreira, de maneira a produzir diferentes cenários e produção satisfatória ao grupo.

Um pensamento divulgado no Brasil diz respeito à Pedagogia Empreendedora, sendo essa, uma abordagem do professor Fernando Dolabela, onde o foco principal é de semear por todo o Brasil o espírito através dos sonhos e de iniciativas empreendedoras em crianças de comunidades rodeadas de vulnerabilidades.

“A Pedagogia Empreendedora é um dos instrumentos de que a comunidade pode dispor para aprender a formular o “sonho coletivo”, estabelecer uma proposta de futuro feita pela própria comunidade. Empreender é essencialmente um processo de aprendizagem proativa, em que o indivíduo constrói e reconstrói ciclicamente a sua representação do mundo, modificando-se a si mesmo e ao seu sonho de autor realização em processo permanente de auto avaliação e autocriação.” (DOLABELA, 2003 p. 32)

Tal instrumento foi projetado para ser trabalhado nas escolas a partir do ensino fundamental. Mas não só as escolas podem fazer uso da Pedagogia Empreendedora (PE), associações comunitárias e outros programas educacionais, cujo foco seja, o desenvolvimento do espírito empreendedor podem fazer uso da PE, uma vez que sua proposta é de estímulo ao sonho individual e coletivo. Ainda no contexto da coletividade, a PE pode ensinar junto às comunidades o desenvolvimento local sustentável a partir do incentivo do empreendedorismo social, uma vez que o sonhar coletivamente pode servir de suporte a empreendedores sociais.

Diante da problemática, é preciso se pensar como dialogar com o desafio, tomando o lugar da raça como questão para a prática do ES. Em outras palavras, discutir com propostas pedagógicas que buscam fortalecer e dar sentido a este aspecto do fazer empreendedor. Assim como Gil (*et. al.*, 2022) esta pesquisa constituiu pensar um fenômeno constituído pelo olhar hegemônico, organizada pela pesquisa qualitativa sob caráter exploratório. O artigo, se valeu de fontes documentais e de dados obtidos em Instituições, como o Instituto Ethos Brasil, PNAD e SEBRAE.

DISCUSSÃO E RESULTADOS INICIAIS

O empreendedorismo não deve ser encarado apenas como forma de enriquecimento pessoal. Ele deve ser direcionado para o desenvolvimento social, fazer com que as pessoas sejam incluídas no país (DOLABELA, 1999). É assim que o precursor da Pedagogia Empreendedora (PE) descreve suas bases para o empreendedorismo. Contrário à educação formal, cujo foco se baseia no aprendizado individual, a PE tem como alvo não só o indivíduo, mas sua comunidade. Além disso, estimula a capacidade de escolha do aluno sem influenciar as suas decisões, preparando-o para as suas próprias opções visando assim a distribuição de renda, conhecimento e domínio de habilidades.

Uma das tarefas da PE é fortalecer os valores empreendedores na sociedade, ao mesmo tempo, dando sentido a sinalização positiva para a capacidade individual e coletiva e gerar valores para toda a comunidade. Atualmente, estabilidade e segurança envolvem a capacidade da pessoa de correr riscos limitados e de se adaptar e antecipar às

mudanças, mudando a si mesma permanentemente (DOLABELA, 2003) por esta afirmação a PE se torna ideal para os negócios dos empreendedores negros, que excluídos do mercado de trabalho formal buscam pela necessidade a oportunidade.

Refletir sobre a prática da PE é desmitificar mitos, a citar, o fazer do dinheiro o principal indicador do sucesso. Existem ainda uma grande dificuldade da compreensão trazida por Dolabela (2006), pelos estudos questionar a estrutura com uma mensagem contra hegemônica sobre a perspectiva de luta social da população e emancipação de grupos mais excluídos. No Brasil, educar na PE significa destruir mitos, como incitar a possibilidade de habilidades de que poucos podem ser empreendedores, de que a renda, poder e conhecimento devem estar concentrados a poucos. Destruir os mitos, tem principalmente a finalidade de legitimar o sistema que coloca no vértice da pirâmide social aqueles que acumulam (DOLABELA, 2006). Apesar de todos os esforços da proposta desta prática, estes mitos podem estar vinculados a manutenção de um sistema que carece que os sujeitos estejam em determinados lugares sociais e jamais possibilitar ajuizar em ocupar outros (MELO NETO; FROES, 2004).

Analisamos também que, na proposta de ensino da PE os professores são agentes de mudança principal. O professor pode ser entendido como agente facilitador da mudança, ele “pode ser visto como o de alguém que provoca o desequilíbrio nas relações do aluno com o mundo, através de perguntas, desafios, questionamentos, e ao mesmo tempo oferece o apoio necessário para que ele, diante de conflitos cognitivos desenvolva uma ação auto organizadora” (DOLABELA, 2003, p.104). A respeito disso, um dos desafios do ES é justamente a ausência de um agente facilitador que permitem pensar de modo organizado, a importância dos desafios cotidianos.

O caráter coletivo que se propõe a PE privilegia a inclusão de todos os sujeitos e não a exclusão. Contrário ao pensamento hegemônico que preza cada vez mais pela competitividade dos sujeitos, *status* e posições sociais, o foco da PE é direcionado para o alargamento comunitário, fazer com que as pessoas sejam incluídas no país (DOLABELA, 1999). Assim, caminha as bases do ES, na qual, de um lado, pensa em solucionar problemas sociais, e do outro, não direciona a mercados, e sim, a grupos. Isso retrata, uma preocupação com o coletivo e não só por sujeitos que não assumem um papel dinamizador para os grupos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo objetivou investigar como o empreendedor social se estabelece, mesmo com imperativos excludentes da raça, por meio de uma breve discussão teórica trazida pelos estudos de Dolabela (2003). Inicialmente constatamos que, o empreendedorismo se iniciou sobre concepções tradicionais de práticas que favoreceram a estrutura hegemônica, o chamado empreendedorismo econômico. Pelo olhar mais apurado a população negra, vimos que no passado do contexto brasileiro, encontramos práticas similares daquelas entendidas hoje pelos institutos, como os resultados encontrados pela pesquisa realizada pelo Sebrae (2016). Outra leitura, em que pese o fenômeno do empreender, é a proposta já estabelecida dada pelo empreendedorismo social, que impõe romper a ideia econômica, por produzir bens e serviços para solucionar problemas sociais e direcionado para grupos populares, um exercício mais conexo das atividades desenvolvidas pela população negra.

Os resultados demonstraram que, os pilares de Dolabella (2003) se constituíram fundamental para o empreendedor social. O fator educacional atrelado corrobora pouca *expertise* a técnicas já estabelecida pelo empreendedorismo econômico, sendo a proposta de Dolabella (2003) uma alternativa para romper esta lógica. Identificamos também, uma maior dinâmica coletiva na descrição teórica para as práticas, que não só favoreçam ao negócio de um empreendedor social, mas que impactam o coletivo de uma dada comunidade. Como contribuição da pesquisa, aos estudos organizacionais, destacamos fomentar a utilização do termo raça como base analítica nos estudos de gestão. E a educação, visto o tema empreendedorismo ser matéria de relevância para a constituição de indivíduos e sociedade, sendo retomada em tempos ao debate pela esfera institucional, é preciso desconstruir mitos sobre o debate ao tema em campo teórico e compor relações de compreensão, mesmo estas sendo rudimentares tentativas.

Dentre os desafios da atuação do empreender no social e conseqüentemente da população negra, apontamos a ausência da educação formal que atravessa a história deste grupo, tal como, pode contribuir ao reflexo de uma precarização ao preparo para o mercado de trabalho formal e na prática que podem ser inteiradas pela pedagoga empreendedora. Longe de ser agenda neutra, a partir desta relação provocamos discutir explicações do fenômeno, visto ser tema presente, a citar, o debate que se inicia em 2017, em torno da discussão do Novo Ensino Médio, trazida pela Lei n. 13.415, que integra matéria de regulação do trabalho docente da educação básica e profissional, assim como, alteração do currículo – formação geral básica e parte diversidade, que neste último inclui itinerário

formativo profissional, que citamos ser tópicos recomendados para estudos futuros. Como limitação da pesquisa, destacamos a ausência de um tópico empírico que traria a vivência de sujeitos empreendedores sociais. Após essas colocações, reforçamos que nosso posicionamento é optar pela discussão que envolva a melhoria da população negra em suas diferentes proposições, seja ela a prática empreendedora.

REFERÊNCIAS

- ALBAGLI, S.; MACIEL, M. L. Capital social e desenvolvimento local. In: LASTRES, H. M. M.; CASSIOLATO, J. E.; MACIEL, M. M. (Org.). Pequena empresa: cooperação e desenvolvimento local. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003
- BARRETO, L. P. Educação para o empreendedorismo. *Educação Brasileira*, 20(41), pp. 179-197, 1998.
- BORGES, R. O movimento educador. *EDUR - Educação em Revista*. Belo Horizonte, v. 34, 2018.
- BRASIL. Lei n. 10.639, de 10 de janeiro. História e Cultura afro-brasileira-Brasileira. Brasília: Congresso Nacional, 2003.
- BRASIL. Lei n. 13.415, de 16 fevereiro. Institui a Política de Fomento à Implementação de escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. Brasília: Congresso Nacional, 2017.
- BRASIL. Lei nº 12.288, de 20 de julho. Estatuto da Igualdade Racial. Brasília: Congresso Nacional, 2010.
- CAVALLEIRO, E. S. Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo, 1998.
- CONCEIÇÃO, Eliane Barbosa da. A Negação da Raça nos Estudos Organizacionais. XXXIII. Anais do Encontro EnANPAD. São Paulo, 2009.
- CONSTAZI, C.G; MESQUITA, J.S. Táticas e estratégias mobilizadas por mulheres no contexto acadêmico: um estudo interseccional a partir do cotidiano de pesquisadoras em instituições federais de ensino superior. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS, 5., 2018, Curitiba. *Anais*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2018.
- CORDEIRO, C.S; CAMPOS, P.O; SILVA, A.D.F. A educação empreendedora na dinâmica escolar a partir das experiências dos alunos de uma escola pública em Lajedo (PE). *Revista Eletrônica das Faculdades Integradas Viana Júnior*, v. 7, n. 2, jul. Dez., p. 179-201, 2016.
- DOLABELA, F. Empreendedor de Sonhos. Portal do Voluntário. 2006.
- DOLABELA, F. O Segredo de Luísa, uma Ideia uma Paixão e um Plano de Negócios: como nasce um empreendedor e se cria uma empresa. São Paulo: Cultura Editores Associados, 1999.
- DOLABELA, F. Oficina do Empreendedor. 6. ed. São Paulo: Cultura, 1999.
- DOLABELA, F. Pedagogia Empreendedora. São Paulo: Cultura, 2003.
- DORNELAS, J. C. A. Empreendedorismo: transformando idéias em negócios. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.
- FALCÃO, J. M. O espírito empreendedor e a alma do negócio, 2008.

FAZZI, R. C. de. O drama racial de crianças brasileiras: socialização entre pares e preconceito. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GIL, *et al.* O sistema socioeducativo e a pedagogia social: uma possibilidade. *Educere – Revista da Educação*, v. 22, n. 1, p. 01-22, 2022.

HASSIMOTO, M. Espírito empreendedor nas organizações: aumentando a competitividade através do intra-empreendedorismo. São Paulo: Saraiva, 2006.

IBGE. Pesquisa Nacional por amostra de domicílios, 2014 – Relatório Comentado. IBGE, 2014.

INSTITUTO ETHOS. Perfil Social, Racial e de Gênero das 500 Maiores Empresas do Brasil e suas Ações Afirmativas – Pesquisa 2013-2014. São Paulo, Instituto Ethos, 2016.

KUHN, T.S. A estrutura das revoluções científicas. São Paulo: Perspectiva, 1998.

LAGE, M. L. C.; SOUZA, E. M. Da Cabeça aos Pés: Racismo e Sexismo no Ambiente Organizacional. *Revista de Gestão Social e Ambiental*, v. 11, n. Ed. Especial, p. 02, 2017.

LAVALEE, A. G. Participação: Valor, Utilidade, Efeitos e causa. In: PIRES, R. R. C. (Org.). *Instituições Participativas e seus possíveis efeitos: O que podemos esperar e avaliar?* Brasília: Ipea, p. 33-42, 2011.

LIMA, M.; RIOS, F.; FRANÇA, D. Articulando gênero e raça: a participação das mulheres negras no mercado de trabalho (1995-2009). In: MARCONDES, M. M. et al. (Org.). *Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil*. Brasília: IPEA, p. 160, 2013.

MACHADO, S.P.; PAES, K.D. Os desafios enfrentados pelas mulheres negras empreendedoras na cidade de Rio Grande. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS, 5., 2018, Curitiba. Anais.Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2018.

MELO NETO, F. P.; FROES, C. Empreendedorismo social: a transição para a sociedade sustentável. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2004.

NASCIMENTO, E. Q. “Afroempreendedorismo como estratégia de inclusão socioeconômica”. Anais III Seminário de Ciências Sociais do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGS) – Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), p. 1-18, 2018.

OLIVEIRA, F. de & ABRAMOWICZ, A. Infância, raça e "paparicação". *Educ.rev.* [Online]. vol.26, n.2, pp. 209-226, 2010.

PINTO, R. P. A representação do negro em livros didáticos de leitura. *Cadernos de Pesquisa*, 63, p. 88-92, 1987.

SALES, M. M. À flor da pele: uma análise crítica de discursos empresariais sobre diversidade racial no trabalho. (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

SANTOS, Sérgio Pereira dos. Os ‘intrusos’ e os ‘outros’ quebrando o aquário e mudando os horizontes: as relações de raça e classe na implementação das cotas sociais no processo

seletivo para cursos de graduação da UFES 2006-2012. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, 2014.

SEBRAE. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. Os donos de negócio no Brasil: análise por raça/cor (2001-2014). Brasília: Sebrae, 2016.

SILVA, J. C. F. da. Empreendedorismo e Identidade Afrodescendente: O caso da Reafro. TCC (Graduação em Administração). UFRGS, Porto Alegre, 2017.

SILVA, P. B. G. & GOLÇALVES, L.A. Movimento Negro e Educação. Educação como exercício de diversidade. – Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2005.

SOUZA, Y. C. de. Crianças negras: deixei meu coração embaixo da carteira. Porto Alegre: Mediação, 2002.

TEIXEIRA, J. C., *et al.* Inclusão e diversidade na administração: Manifesta para o futuro-presente. **Revista de Administração de Empresas**, 2021, vol. 61.

TEIXEIRA, J. C.; OLIVEIRA, J. S. de; CARRIERI, A. de P. Por que falar sobre raça nos estudos organizacionais no Brasil? Da discussão biológica à dimensão política. **Perspectivas Contemporâneas**, [S. l.], v. 15, n. 1, p. 46–70, 2020.